

ALÔ, MEU BEM: NOTÍCIAS EM CORRESPONDÊNCIA

Vera Lucia Albuquerque de Moraes*
Fernanda Maria Abreu Coutinho**

Resumo

O livro *Correspondências* inclui 129 cartas, que cobrem quase quatro décadas da vida de Clarice Lispector, dos anos 1940 até pouco antes da morte da autora, ocorrida no Rio de Janeiro, em 1977. São cartas endereçadas às irmãs Elisa e Tânia, ao marido Maury Gurgel Valente e aos escritores Lúcio Cardoso, Fernando Sabino, Rubem Braga, Manuel Bandeira, Érico Veríssimo, Carlos Drummond de Andrade, entre tantos amigos queridos. Esse precioso registro de notícias refere-se, principalmente, aos 16 anos que Clarice morou na Europa e nos Estados Unidos, assumindo a personalidade de Clarice Gurgel Valente.

Palavras-chave: cartas, amigos, escritores, notícias, afetos.

Abstract

The book *Correspondências* includes 129 letters, which cover almost four decades of Clarice Lispector's life, from 1940 until just a little before the writer's death, occurred in 1977, in Rio de Janeiro. Those letters were addressed to her sisters Elisa and Tânia, to her husband Maury Gurgel Valente, and to the writers Lúcio Cardoso, Fernando Sabino, Rubem Braga, Manuel Bandeira, Érico Veríssimo, Carlos Drummond de Andrade, among other dear friends. This precious collection of documents contains, mainly, news referring to the 16 years spent by Clarice in Europe and in United States of America, as Clarice Gurgel Valente.

Key words: letters, friends, writers, news.

Eu pretendia chorar na viagem, porque fico sempre com saudade de mim. (C.L)

Em uma das páginas de seu *Correio Feminino*, Clarice Lispector abre a crônica, de maneira terna e encantada, ao dizer: “Que lindas são as coisas antigas que se tornaram opacas e amarelecidas porque sobre elas passou a vida”, enumerando, a seguir, objetos tais como a “velha cômoda”, a “mesa antiquada”, a “poltrona desbotada”, revelando, afinal, que o sortilégio dessas peças está em que, cúmplices das afeições de quem as possuiu, partilham igualmente uma alma que lhes é transmitida pelo tempo.

Essas observações da escritora poderiam perfeitamente ser estendidas a um outro tipo de objeto, este de feição mais simbólica, com o qual teve uma convivência constante: a carta, objeto que lhe valeu como uma âncora, nos longes em que teve que viver. Para Clarice, a viagem revelou-se como uma predestinação, haja vista o longo caminho desde a paisagem original, Tchetchelnik, na remota e gelada Ucrânia, sua terra de nascimento, precocemente deixada para trás em troca da brisa morna das cidades costeiras do Nordeste brasileiro, Maceió, de início, depois Recife.

Uma das marcas da familiaridade de Clarice com envelopes, selos, papéis de variados matizes, letras legíveis ou nem tanto, ansiedade, mais ou menos controlada, é o livro *Correspondências* com suas 129 cartas, que cobrem quase quatro décadas da vida da autora, dos anos 1940 até pouco antes de sua morte, ocorrida no Rio de Janeiro, em 1977. São cartas endereçadas às irmãs Elisa e Tânia, ao marido Maury Gurgel Valente, aos amigos Lúcio Cardoso, Fernando Sabino, Rubem Braga, Manuel Bandeira, Érico e Mafalda Veríssimo, Carlos Drummond de Andrade, entre tantos amigos queridos.

* Professora do Departamento de Literatura e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará. Coursou mestrado em Teoria da Literatura na UFRJ e doutorado em Sociologia na UFC.

** Professora do Departamento de Literatura da Universidade Federal do Ceará.

Escritas durante um período de intensa produção literária, as cartas dessa remetente especial trocavam de endereço à medida que seu marido, o diplomata Maury Gurgel Valente, trocava de país. Essa correspondência está dividida em três publicações da maior importância para entendermos o percurso geográfico-sentimental da autora: *Cartas perto do coração* (2000), *Correspondências* (2002) e *Minhas queridas* (2007).

A escritora Teresa Montero, que publicou uma instigante biografia de Clarice Lispector – *Eu sou uma pergunta* (1999) – tem-se dedicado a reunir e selecionar esse precioso acervo de correspondências da escritora, com o objetivo de compor um retrato da trajetória biográfico-literária de Clarice, além de desvendar ao leitor importantes fatos históricos e sociais que perpassaram o contexto sócio-político daquela época. No trecho a seguir, a pesquisadora inventaria o material que teve em suas mãos e dá conta, ao leitor, de seu método de trabalho, como guardiã desses fragmentos de emoções que pousaram em cidades tão díspares, e que, na maturidade da escritora, corresponderam a “marés montantes do passado”, na poética expressão de Mário Quintana ao trazer à memória certa “velha carta amarelecida”. (Quintana: 2005, p.437)

Convidada pela família de Clarice para organizar esta edição, reuni 129 cartas. De um lado a sua correspondência pessoal ativa, num total de 70 cartas, de outro a correspondência pessoal passiva, proveniente do meio familiar e dos amigos: 59 cartas. O conjunto de cartas foi dividido em quatro décadas. De 1940 a 1950, abrangem o período em que ela residiu no Rio, Belém, Nápoles, Berna, Torquay e Washington, casada com o embaixador Maury Gurgel Valente; e de 1960 a 1970, quando ela voltou a morar definitivamente no Rio de Janeiro. Trata-se de cartas efetivamente chegadas aos seus destinatários. As respostas a que tive acesso foram inseridas em seguida à carta que lhes corresponde, como foram os casos das cartas de Maury Gurgel Valente e Fernando Sabino, e em algumas de Lúcio Cardoso e Andréa Azulay (MONTERO, Correspondências, p. 11).

Cartas, entrevistas, crônicas, colunas femininas em jornais e revistas constituem os textos escritos “com a ponta dos dedos” – literatura de alguma forma submetida às imposições exteriores – que Wilma Arêas (2005) considera ter relação profunda com outra parte da obra de Clarice Lispector: contos e romances – escritos “com entranhas”. Arêas afirma perceber que as matrizes poéticas de todos esses textos são submetidas à mesma técnica de desgaste: esse processo torna circular a obra de Clarice, uma vez que gira ao redor de temas e motivos recorrentes – fato, aliás, apontado por muitos estudiosos de seus livros.

Investigando, mais detalhadamente, os processos de composição dessa autora, observamos que grande parte de seus textos são reescritos passando da crônica para o romance ou vice-versa: “Em suma, o movimento é mais ou menos o seguinte: para o jornal, textos mais diretos; para o livro, mais recursos e artifício, o que muitas vezes conta mais pontos para as crônicas, em termos de funcionalidade. Como se Clarice diagramasse a si própria, mudando de roupa (de forma) segundo a ocasião” (Arêas, 2005, p. 36). Assim, crônicas e romances, livros ou capítulos funcionam como vasos comunicantes: os textos fluem do jornal para o livro e vice-versa; são repetidos no livro e repetidos no jornal, às vezes aspeados, como se fossem citações de outro autor.

Lygia Fagundes Telles, no ensaio “Mulher, Mulheres” que escreveu para o livro *História das Mulheres no Brasil*, organizado por Mary Del Priore (2006), pondera que a revolução da mulher foi a mais importante do século XX. Teria o seu nascedouro visível no final do século XIX e viria a desenvolver-se plenamente na Segunda Grande Guerra, quando os homens partiram para as trincheiras e as mulheres ficaram na retaguarda, dispostas a exercer o ofício desses homens nas fábricas, nos escritórios, nas universidades, entre outros lugares. Isso explica, em parte, o veio narcíseo das representações femininas em suas diversas manifestações; explica também o nascimento consciente de autoras engajadas às suas verdades: “(...) Mas estou já cansada de minhas hesitações, que já me trouxeram bastante aborrecimento. Tenho sempre que me lembrar que tudo que consegui na vida foi à custa de ousadias, embora pequenas” (LISPECTOR, 2007, p. 206).

Das cartas de Clarice para os amigos sabe-se que foram recebidas com grande euforia, tendo Otto Lara Resende confessado que “ler as cartas de Clarice é como saborear garrafas de champanhe espumante” (MONTERO: 1998). Aos olhos dos amigos escritores, Clarice ganhava um charme todo especial por estar vivendo no exterior; paradoxalmente, esse fato gravou-lhe impressões sombrias, a ponto de considerar-se exilada de tudo o que mais amava: sua família, seus amigos e seu país. A correspondência com as irmãs Elisa e Tania, reunidas por Teresa Montero no livro *Minhas queridas* (2007), evidencia um constante lamento de Clarice provocado por essa situação de desenraizamento geográfico e sentimental vivida por longos 16 anos. Em consequência desse contexto, ela vivenciou uma série de perigosas experiências que pontuaram momentos importantes da história política da Europa, se cogitarmos que efetuou travessia pelo continente europeu em plena guerra.

Em *Os Males da ausência ou A Literatura do exílio*, Maria José de Queiroz, assegura, a seu leitor, no prefácio da obra, a existência de um forte elo entre escrita e distância: “Literatura do exílio? Sim, isso é possível. Um breve inventário dos males da ausência evidencia, à saciedade, que a literatura desvela espontaneamente, na duração milenar dos acontecimentos que forjam a história, a experiência coletiva

e individual do exílio.” (QUEIROZ, 1998, p. 15) E, nesse particular, a autora apela ainda para outro sintagma revelador da falta: “a síndrome do desterro”. Neste ensaio sobre Clarice não se quer buscar possíveis repercussões da nostalgia, em sua produção ficcional. Aqui vale a lembrança de que, formada por *algos* (dor) e *nostos* (volta), essa nuance da tristeza significava para os gregos, audazes e contumazes viajantes, a “dor de querer voltar pra casa”. (id., p. 35) Não se pode negar, contudo, que a epistolografia da escritora tem ressaibos tantálicos, no que toca ao desejo de voltar a pisar o seu chão. Retomando a noção do esforço de Tântalo, no sentido de apanhar a fruta sempre afastada um passo a mais de sua capacidade de atingi-la, recorde-se o que diz Rubem Braga em “Sobre o amor, etc.”, crônica transcrita em *O Homem rouco*: “O amigo que procura manter suas amizades distantes e manda longas cartas sentimentais tem sempre um ar de naufrago fazendo um apelo.” (BRAGA, 1979, p. 88).

De vez em quando também, os correspondentes apareciam em carne e osso, como foi o caso do próprio Rubem Braga, repórter de guerra de noticiosos brasileiros, juntamente com Joel Silveira. De acordo com José Castello, o velho Braga, ao saber de Clarice em Nápoles, lança-se em uma aventura com o companheiro, viajando 900 km, em condições nada confortáveis. Tal empreitada, segundo Castello, justifica-se pelo fato de que Rubem “precisa da beleza de Clarice para se recuperar um pouco dos pavores da batalha”. A escritora, ou melhor, “Clarice, La Principessa di Napoli”, como Braga insiste em lhe chamar, serve-lhes licores, mas é levada a constatar: “Uma viagem tão longa, só para um licor.” Assim, “prepara um jantar italiano com deliciosas pastas e berinjelas gratinadas”, tudo sob o testemunho do silêncio reservado de Maury. Na manhã seguinte, após o reconforto de um café reforçado, os visitantes se despedem e cabe a Joel, por longo trecho da estrada, ouvir o refrão de encantamento: “Clarice, La Principessa di Napoli”. (CASTELLO, 1996, p. 83-84)

A coletânea *Correspondências* é aberta com carta a Lúcio Cardoso, grande amigo de Clarice, escrita em Belo Horizonte e datada de 13 de julho de 1941. Contém impressões dessa fase de mudança, em que ela declara: “Eu pretendia chorar na viagem, porque fico sempre com saudade de mim. Mas felizmente sou um bom animal sadio e dormi bem, obrigada” (p. 15). E ironiza: “As mulheres daqui são quase todas morenas, baixinhas, de cabelo liso e ar morno. Aliás, quase que só há homens nas ruas. Elas, parece, se recolhem em casa e cumprem seu dever, dando ao mundo uma dúzia de filhos por ano” (p. 15).

As cartas trocadas com o marido são sempre muito delicadas de ambas as partes, leves, brincalhonas, por vezes poéticas, evidenciando uma atmosfera mútua de respeito e admiração:

Alô, bem

Tudo muito poético. Uma chuva enorme me esperando na estação, um carro descoberto pra me conduzir à Fazenda guiado por um belo negro e dois cavalos; uma capa grossíssima, cheirando a cavalo. Pra cobrir jovem viajante. E os solavancos. E a sensação de perigo (quase nenhum, infelizmente) ao atravessar o riozinho. Por um triz – uma aventura! Faltou justamente o carro virar e a donzela cair desmaiada sobre a terra, os loiros cabelos misturados à lama (p. 17).

Em outra missiva, Maury é o destinador irônico e jocoso, revelando-se, também, marido apaixonado e admirador intelectual da esposa, colocando-a, desde logo, em posição elevada de adoração: “Oh! Deusa Clarice” para, em seguida, estabelecer um alegre e irônico contraponto entre suas diminutas perspectivas ligadas ao cotidiano – um vôo baixo, segundo próprias palavras – e os altos vôos da escritora em busca de transcendência e de essencialidade.

Oh! Deusa Clarice!

Sê clemente! Não pronuncie contra mim, com ar tão solene, a sentença da minha condenação eterna. Deixa-me viver pacatamente como bom sujeito. Eu quero me preocupar com o padeiro, com o leiteiro e com os dentes do guri.

Não me jogue, a mim tão pequenino e infantil, nessa rua de monumentos colossais, onde o Edifício da Noite é pixote, que se chama VIDA.

Não me aterrorizes com os holofotes antiaéreos que dirigiste contra mim – eu vôo muito baixo – é só estender a mão pra me apanhar.

No momento eu só tenho um grande problema – é saudade de você. O resto é bobagem (p. 25).

Clenir Bellezi de Oliveira, no artigo “A Fênix da Palavra” da revista *Discutindo Literatura: Clarice Lispector, um olhar sobre a obra de uma das divas das letras brasileiras*, comenta que as criaturas de Clarice vivem em estado crítico de sensibilidade e de urgência. Sentimentos de solidão, de abandono, de culpa, de júbilo e, sobretudo, de autoenfrentamento promovem uma ruptura com a imagem que traziam de si e da realidade circundante. Ao revelar a precariedade de sua condição e muitas vezes o que existe para além da falsa estabilidade de sua rotina, Clarice revela o que há de realmente vivo sob a superfície do cotidiano. Seu olhar penetrante desconcerta o leitor, uma vez que ela tem a propriedade de ficcionalizar-se, incessantemente, assumindo papéis criados no transbordamento do imaginário.

Podemos conferir essa opinião, em carta que envia, de Belém, a Lúcio Cardoso, no dia 6 de fevereiro de 1944:

*Estou aqui meio perdida. Faço quase nada. Comecei a procurar trabalho e começo de novo a me torturar; até que resolvo não fazer programas; então a liberdade resulta em nada e eu faço de novo programas e me revolto contra eles. Tenho lido o que me cai nas mãos. Caiu-me plenamente nas mãos **Madame Bovary**, que*

eu reli. Aproveitei a cena da morte para chorar todas as dores que eu tive e as que eu não tive. Eu nunca tive propriamente o que se chama “ambiente” mas sempre tive alguns amigos (p. 36).

Clarice chora a lacuna, a falta, a ausência do que não sabe nomear; ao mesmo tempo, entretanto, tem medo da completude, de sentir-se saciada e não ter necessidade de explorar a liberdade do sonho, o encanto da indefinida procura:

Lúcio:

*Imagine que eu estava junto da mesa, pronta para escrever para você e contar coisas, quando bateram à porta e trouxeram-me, vindo do Rio, o que você publicou no **Diário Carioca**. Isso valeu como se você tivesse respondido à minha primeira carta... Gostei tanto. Fiquei assustada com o que você diz – que é possível que meu livro seja o meu mais importante. Tenho vontade de rasgá-lo e ficar livre de novo: é horrível a gente já estar completa (p. 41).*

A rede fina de suas palavras, a grandeza do que procura expressar e a profundidade de sua narrativa – tudo isso, entretanto, é posto de modo surpreendentemente simples, embora intensamente lírico: “A dificuldade encontrada pelo leitor está justamente num conteúdo absolutamente complexo que requer mais um repertório emocional, psicológico, que propriamente uma erudição lingüística” (OLIVEIRA: p. 41). Escritora que dilatou olhares e sensibilidades, sua obra propõe permanente renovação, já antecipada em advertência elaborada no pórtico do romance *A paixão segundo GH*: “Este livro é como um livro qualquer. Mas eu ficaria contente se fosse lido apenas por pessoas de alma já formada”.

Quem são essas pessoas de “alma já formada”, uma vez que o livro se abre, incessantemente, a novas perspectivas, cada vez que o folheamos e sentimos vacilar certezas anteriormente inabaláveis? Efetuar a perigosa travessia é clamar por uma mão amiga que nos vá amparando no difícil percurso sem volta, em direção a misteriosas descobertas. O recurso do contato de mãos com o leitor, tantas vezes utilizado em *A paixão segundo GH* (literatura de entranhas) durante a misteriosa travessia empreendida pela protagonista em busca do conhecimento do inumano, é o mesmo recurso que observamos em uma carta (literatura com a ponta dos dedos) escrita por Maury Gurgel Valente à sua esposa:

Enquanto isso, vá me estendendo a mão, que eu preciso dela. Se você não diz nada, é porque há muita coisa dentro de você. Eu gostaria que você se confiasse um pouquinho mais a mim. É isso que eu chamo de jogo unilateral. Não pense que eu ando atrás só de “belas coisas simples”. Eu quero qualquer coisa, desconexa, contraditória, insegura, não tem importância, desde que seja sua. As definições redondas e

grandiloqüentes, as coisas categóricas e acabadas não me satisfazem, porque eu não sou assim (p. 25).

A súplica pela mão especial (de Clarice, do leitor ideal) que compartilhe experiências cruciais, ao mesmo tempo que o (a) tire da solidão existencial, prestando apoio, solidariedade e incentivo, traz à tona um dos motivos mais recorrentes da obra clariceana, que é a relação eu *versus* outro. Essa necessidade contínua de contato e amparo acentua o lado solitário da escritora que, mesmo em ambientes alegres, festas elegantes e passeios pelo mundo afora, sentia-se constantemente deslocada e infeliz pela falta de algo essencial e indefinível – o que gera, em Clarice, um permanente sentimento de exilada em terras estrangeiras. Se estivesse em seus domínios sentimentais e geográficos, o que garante que a escritora sentiria o oposto, uma vez que sempre estava a palmilhar o inalcançável? Em carta a Tânia, da cidade de Nápoles, datada de 1º. de setembro de 1945, Clarice desabafa: “Não ligue a mim, não se preocupe. Vou escrever dagora em diante cartas + alegres. (...) Está tudo bem, não há nada a fazer. Meus problemas são os de uma pessoa de alma doente e não podem ser compreendidos por pessoas, graças a Deus, sãs”. (p. 75).

Uma carta nos chamou particularmente a atenção, porque constitui valioso registro histórico. Em 9 de maio de 1945, quando Clarice encontrava-se em Roma, escreveu para as irmãs, descrevendo a impressão que a notícia do fim da guerra causou à população:

*Uma das coisas de que eu estou surpreendida e vocês certamente também é que no bilhete de hoje de manhã não falei no fim da guerra. Eu pensava que quando ela acabasse eu ficaria durante alguns dias zozna. O fato é que o ambiente influiu muito nisso. Aposto que no Brasil a alegria foi maior. Aqui não houve comemorações senão feriado ontem; é que veio tão levemente esse fim, o povo está tão cansado (sem falar que a Itália foi de algum modo vencida) que ninguém se emocionou demais. Naquele filme **Wilson** vocês viram a parte natural do fim da guerra de 14: uma alegria doida. Mas agora não. Eu estava posando para De Chirico quando o jornalista gritou: **É finita a guerra!** Eu também dei um grito, o pintor parou, comentou-se a falta estranha de alegria da gente e continuou-se. Daqui a pouco eu perguntei se ele gostava de ter discípulos. Ele disse que sim e que pretendia ter quando a guerra acabasse... Eu disse: mas a guerra acabou! Em parte a frase dele vinha do hábito de se repeti-la, e em parte do fato de não ter mesmo a impressão exata de um alívio (p. 73).*

Essa linguagem estranha, intensa, desterritorializada, que procura atingir zonas assustadoramente inesperadas, inventando um modo de pensar como potência para capturar os devires do mundo, atordoou leitores críticos que se dividiram em várias opiniões, nem sempre positivas, a respeito dos primeiros romances de Clarice. Mesmo quando a

escritora pretende ser objetiva e anuncia a realização de uma história exterior e explícita, ainda assim ela suspeita que o importante está entre os fatos, na “névoa úmida” existente entre eles, porque pressente um sussurro que, incessantemente, busca captar em sua fonte e que, seguindo suas pegadas, o leitor esforça-se por desvendar em suas leituras.

Clarice correspondeu-se com muitos escritores notáveis, como Ferreira Gullar, Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto, Vinicius de Moraes, Rubem Braga, entre outros. Manuel Bandeira, que sempre a tratava como uma menina pela diferença de idade, brincava com a sonoridade de seu nome, atitude bem típica do poeta, em cujos versos a musicalidade pontifica como um dos principais recursos de sua arte poética:

Clarice querida,

Um dia que eu estava me caceteando no Lido num desses almoços-homenagens, lembrei-me de você e as minhas saudades se traduziram numa quadrinha que escrevi no menu e passei ao Chico, que estava sentado em frente de mim. Agora quis lembrá-la e não consegui. Só me recordo que fazia uma brincadeira verbal com o seu nome e o último verso era Clara... Clarinha... Clarice (p. 78).

Sua carta de julho deu uma grande alegria. Você nunca é falante, barulhenta. O que você escreve nunca dói nem fere os ouvidos. Você sabe escrever baixo. E sua assinatura, Clarice, é você inteirinha: Clara... Clarinha... Clarice... Receba um grande abraço do velho amigo (p. 79)

Manuel

O estado permanentemente poético de Clarice contamina seus amigos que se tornam poetas para conversar com a escritora ou confessar-se a ela. Em consequência dessa ficcionalização, é assim que Fernando Sabino, um de seus mais freqüentes e queridos missivistas, escreve esse final de carta:

Clarice Lispector é uma coisa riscadinha sozinha num canto, esperando, esperando. Clarice Lispector só toma café com leite. Clarice Lispector saiu correndo no vento na chuva, molhou o vestido, perdeu o chapéu. Clarice Lispector sabe rir e chorar ao mesmo tempo, vocês já viram? Clarice Lispector é engraçada! Ela parece uma árvore. Todas as vezes que ela atravessa a rua bate uma ventania, um automóvel vem, passa por cima dela e ela morre. Me escreva uma carta de 7 páginas, Clarice (p. 85).

Em *Correspondências*, encontramos várias cartas de João Cabral de Melo Neto, também embaixador, morando em Barcelona. A primeira, datada de 29.9.1948, mostra interesse na tradução dos romances de Clarice para o espanhol: “Peço

mandar-me o que deseje ver em castelhano e as condições comerciais em que permitirá a tradução. Esse editor é um dos melhores daqui e (...) vou lhes mandar um livro dele que imprimir” Termina avisando: “Pedindo-lhes um pouco de pressa da tradução, abraça-os. O amigo João Cabral de Melo” (p. 176). O que podemos inferir desse convite, é que o prestígio de Clarice como escritora aumentava à medida que o tempo confirmava seu talento com o surgimento de novos romances; confirma, também, que seus amigos escritores sempre se empenharam na divulgação da obra dessa distante e misteriosa diva da literatura brasileira.

Entretanto, a resposta de Clarice é desanimadora – ela que tinha um registro de tempo todo particular, não havia conseguido executar a tarefa no curto prazo recomendado pelo poeta, enviando-lhe apenas um envelope vazio, o que é elegantemente compreendido pelo embaixador:

Sua resposta foi “proximamente” desanimadora, mas, no fundo, animadora. Só lamento é não começar com alguma coisa sua. O próprio Manuel Bandeira, de quem estou fazendo os versos de circunstância, me havia escrito: “Se sua impressora começa com Clarice Lispector, que melhor começo pode desejar?” (...) Agora, só me resta esperar que sua promessa se cumpra algum dia, e que seus belos romances deixem tempo para essas coisas portáteis que pretendo imprimir (p. 180)

Em carta seguinte, o poeta João Cabral avisa; “Reli mais uma vez sua carta. Vejo que não a respondi: que pena não ter ainda uma palavra escrita do meu *Como e por que sou romancista...*” (p. 186). Em outro momento, transmite para a escritora a leitura entusiasmada que o poeta Ledo Ivo havia feito do romance *A cidade sitiada*: “Clarice mandou um romance-de-fechar-o-comércio-da-Rua-Gonçalves-Dias-às-cinco-horas-da-tarde”. E João Cabral indaga a Clarice: “Não acha v. que por debaixo dessa expressão tão (.) estão uma porção de formidáveis adjetivos?” (p.187).

Em 4 de março de 57, o amigo escritor Rubem Braga escreve a Clarice anunciando o lançamento do livro de crônicas *A cidade e a roça*, pela Editora José Olympio, no Rio de Janeiro:

Estava agora mesmo passando os olhos nele, e as crônicas, tão parecidas com as antigas, me deram a sensação de como sou um homem monótono, passo a vida inteira ruminando duas ou três coisas que houve – ou que não houve (p. 219).

O processo de “ruminar” o mesmo tema é constante entre vários escritores, o que confere uma feição de zigagueia às suas obras. Machado de Assis, Clarice Lispector, Rubem Braga e tantos outros reconhecem que ficcionalizaram o mesmo tema, num desdobramento incessante, até o esgotamento. Daí, Clarice sempre conferir ao leitor a impressão de desescrever o livro e reescrevê-lo incessantemente e

Rubem Braga acusar-se de monotonia, por “ruminar” poucos assuntos.

De Drummond a escritora recebeu, entre outras coisas, belo poema, expressando suas impressões pós-leitura de um romance. Conhecendo o temperamento tímido, contido, reservado e avesso a manifestações sentimentais do poeta, devemos inferir o poder de sedução de Clarice - mulher e escritora - sobre a sensibilidade de Drummond, levando-o a definir metafóricamente o livro de Clarice como “mistério e chave do ar”:

Querida Clarice:

*Que impressão me deixou o seu livro!?
Tentei exprimi-la nestas palavras:*

*-Onde estivestes de noite
que de manhã regressais
com o ultramundo nas veias,
entre flores abissais?*

*-Estivemos no mais longe
que a letra pode alcançar:
lendo o livro de Clarice,
mistério e chave do ar.*

*Obrigado, amiga! O mais carinhoso abraço da admiração do Carlos
(p.287)*

O final do livro *Correspondências*, parte que corresponde às cartas da década de 70, é recheado de recortes amorosos para o querido filho Paulo, que fazia intercâmbio cultural nos Estados Unidos. O primogênito Pedro desenvolveu, desde cedo, um quadro de esquizofrenia, vivendo sob tratamento médico o resto de sua vida, fato que muito angustiava a escritora. Clarice tinha um temperamento maternal e todos seus biógrafos reafirmam seu grande amor pelos filhos, a partir da solução que achou para trabalhar seus textos: uma máquina de escrever pequena, portátil, que colocava no colo, e, dessa forma, acompanhava a movimentação das crianças pela casa. Era também muito protetora com animais – vemos uma vastíssima galeria deles em sua obra – e muito generosa com pessoas carentes. Durante a guerra prestou socorro aos soldados feridos, maneira que achou inclusive para dar sentido mais substancial à sua vida no exterior.

Em carta a Paulo, derrama-se em carinhos:

Meu querido pernilongo,

Como vai o meu amor de filho? Estou contente com a idéia de um fim de semana em Chicago. E acho muito boa a sua idéia de um “empreguinho”, como o de cortar grama. Eu também já tive vários empreguinhos, e ganhava muito dinheirinho. Além do mais não dá

preguiça de cortar a grama dos outros, só dá preguiça quando é a grama de nossa própria casa. E, embora eu já saiba por que você escreveu, que não está precisando de dinheiro, uns dólares a mais não prejudicarão em nada (p. 271)

Paulinho, de minha alma

*Tenho me atrasado na minha correspondência com você, o que é imperdoável. Mas depois você vai me entender melhor. Quero saber tudo o que você se lembrar da Flórida.(...) Pelo mesmo correio vai uma **Manchete** pra você(sem colaboração minha, por acaso), mas dentro, num envelope, mando dez dólares pra você fazer uma farrinha sem remorso de estar gastando do outro dinheiro, está bem? Se gostar, daqui a uns tempinhos lhe mando o mesmo pelo mesmo processo (p. 275).*

Se, do ponto de vista da composição, as cartas fluem de um modo mais autêntico, menos elaborado, mais informal, com “a ponta dos dedos”, do ponto de vista dessa “escrita do eu” figuram representações de uma Clarice Lispector inteira, ora sombria, ora alegre, oscilando entre a “difícil alegria” das descobertas, e o enclausuramento de sentir-se exilada, perdida em terras estranhas. As cartas têm a importante função de conectar Clarice a pessoas queridas, referências importantes em sua cartografia geográfica e sentimental. Apontam, também, para a materialidade dos livros que publicou, para os críticos complacentes ou severos que analisaram sua escrita e para os leitores que continuam interrogando seus textos, escavando, sob diversos prismas, o mistério de sua palavra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARÊAS, Vilma. *CLARICE LISPECTOR: com a ponta dos dedos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

GOTLIB, Nádya Battella. *CLARICE: uma vida que se conta*. São Paulo: Ática, 1995.

LISPECTOR, Clarice. *Minhas queridas*. Organização e introdução de Tereza Montero. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

_____. *Correspondências*. Org. Teresa Montero. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

MANZO, Lícia. *Era uma vez: EU*. A não-ficção na obra de Clarice Lispector. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura: The Document Company – Xerox do Brasil, 1997.

MONTERO, Teresa. *Eu sou uma pergunta*. - uma biografia de Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

NUNES, Maria Aparecida. *Clarice Lispector jornalista: páginas femininas e outras páginas*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.

OLIVEIRA, Clenir Bellezi de. “Fênix das palavras”. In: *Discussindo Literatura: Clarice Lispector – um olhar sobre a obra de uma das divas das letras brasileiras*. Rio de Janeiro: Oceano Ind. Gráfica, ano 3, número 14. p. 35-43.

REGUERA, Nilze Maria de A. *CLARICE LISPECTOR E A ENCENAÇÃO DA ESCRITURA*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

SÁ, Olga de. *A Escritura de Clarice Lispector*. Petrópolis: Vozes; Lorena: Faculdades Integradas Teresa d’Ávila, 1979.

SOUSA, Ana Aparecida Arguelho de. *O Humanismo em Clarice Lispector: um estudo do ser social em A Hora da Estrela*. São Paulo: Musa Editora; Dourados, MS: UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2006.

TELLES, Lygia Fagundes. “Mulher, Mulheres”. In: PRIORE, Mary Del (org.) *História das mulheres no Brasil*. 8ª. Ed. São Paulo: Contexto, 2006. p.669–672.

